

Redentor para a ancestralidade das lutas de sempre



Em meio a expressões autorais multidisciplinares, a competição da *Première Brasil* coroou 'A Margem do Rio' e 'Elza', dois retratos da força do povo preto deste país, onde fé vira garrote

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Entre os modos de ser (brasileiro) mais radicais, no âmbito do cinema, que o 28º Festival do Rio projetou ao longo de seus onze dias – abertos pelo épico espanhol “A Bola Preta” e encerrados na batida techno da dramédia made in USA “Club Kid” – houve uma expressão de serenidade e teve um gesto de picardia que se unem no discurso transmídia.

“Overman”, de Tomás Portella, é tira de quadrinho da Laerte em estado vivo, na forma de longa-metragem. Tem Caco Ciocler em modo Michael Keaton (vide “Birdman”), como um super-herói falido, desdenhado pela Gotham City que sempre chamou de lar. Do outro lado, está “Pitico - Hermes Ayres Azevedo (1881-1959) - Historiador da Província, um Julio Bressane entre a literatura memorial e o arquivo epistolar do passado.

Hoje octogenário, o mestre da realização que nos deu “O Anjo Nasceu” (1969) e “Filme de Amor” (2003) levou ao *Filmfest München*, na Alemanha,



'A Margem do Rio': paixão e desejo nos manguezais do Capibaribe



Equipe e parte do elenco de 'A Margem do Rio' na cerimônia de premiação

este ensaio poético (com Paulo Betti) sobre um historiador apaixonado por sua cidade do interior. Fez um “Invocação do Mal”, mas misturado com “Gasparzinho, o Fantasmilha Camarada”, em tom semiótico. Nem seu Pitico, nem o vigilante dirigido por Portella estiveram em concurso, na briga pelo troféu Redentor. São sui generis demais para o desenho que a curadoria, sob direção de Ilda Santiago previam para 2026, numa celebração transcendente de narrativas de gênero. É gritante o pavimento de suspense (com ecos sobrenaturais) sob “O” ganhador do ano, na ficção: “A Margem do Rio”. É um épico. Um épico queer. Trouxe consigo, de Pernambuco, seu polo